

Manchete 213 - 19.5.56

"A velha italiana"

Excl. FLV, abril
1978

RN 129

A VELHA

Agora, que se fala do Dia das Mães, eu me lembro da minha, mas não quero trazer para uma crônica de jornal essa imagem suave e triste que em minha saudade ainda está viva em nossa velha casa de Cachoeiro de Itapemirim. Que ela fique lá, sossegada, em sua intimidade, sem se misturar, no mundo das letras de fôrma, com esta vida incompreensível de politicagem, escândalos, crimes.

Quero falar de um dia de guerra, na Itália. Foi pelo fim do outono, e cheguei a uma cidade meio arreventada; chovia, as ruas estavam cheias da lama trazida pelas pesadas máquinas da guerra, as ruínas pareciam mais infelizes e mais indefesas, sob o aguaceiro. O que restava da população ia ali tocando penosamente para a frente a vida, pensando em mais um inverno de guerra que estava chegando, para angústia dos pobres.

Em uma rua estreita senti, de repente, um bafo quente de fumaça, que saía de uma porta. Olhei, havia uma escada escura e lá em baixo um lavadouro público, de água quente, onde vinte ou trinta mulheres, no meio da fumaça e do vozerio, batiam e esfregavam roupas. As italianas do povo falam muito alto, e o barulho de suas vozes e de seu trabalho faziam daquele recinto escuro um inferno ao mesmo tempo lamentável e pitoresco. Dei dois passos para dentro, mas apenas duas ergueram um instante os olhos ao divisarem minhas botas; aquelas mulheres estavam cansadas de ver homens de botas. Assim, eu pude ficar ali sem constrangimento, vendo-as trabalhar.

Havia velhas e moças, muitas de luto, e às vezes uma risada alta se destacava do falatório, como se a própria miséria estivesse zombando de si mesma. Foi então que, através da fumaça, reparei, a um canto, em uma velhinha magra, de luto aliviado, que esfregava na pedra uma camisa, devagar, quieta. Alguma coisa nela me comoveu e me chocou, e no mesmo instante percebi: parecia minha mãe. Avancei mais um pouco: eram os mesmos cabelos brancos, o mesmo perfil triste, o mesmo jeito resignado e tímido. Era um pesadelo, ver minha mãe transportada para ali, sem falar italiano, perdida em um canto, a fazer seu trabalho humilde penosamente, como um castigo.

Uma mulher gorda e vermelha, a seu lado, falava alto e batia a roupa com força; ela se encolhia mais para junto da parede, com ar de medo, como se fizessem muita caridade em deixá-la ocupar aquele pequeno espaço. Quanto mais eu a olhava, mais via a figura de minha mãe; toda a imensa fadiga física e nervosa da guerra desceu sobre meus ombros e por um instante temi desmaiar, meio tonto naquele ar abafado, quente e sujo, diante daquela visão que me obcecava. Senti os olhos húmidos, e uma pena infinita daquela mulher que parecia minha mãe; ela tossiu duas ou três vezes uma tosse baixa que logo se transformou em um pequeno acesso e a fez parar o trabalho um instante para levar a mão à boca. Subi a escada, voltei para a rua, senti na cara com desafogo o vento frio e a chuva, tomei um copo de tinto em um botequim e toquei para a frente, à procura de meu jipe. Mas aquela visão da velha triste e miserável que parecia minha mãe, que podia ser minha mãe, aquela imagem humilde me ficou no centro de todas as pesadas melancolias da guerra.

9/5/54 R. B.

68